

A CARAVELA

que ‘ancorou’ no coração de Campinas

Construção contou com pesquisas do Museu da Marinha do Rio de Janeiro

Ana Carolina Martins

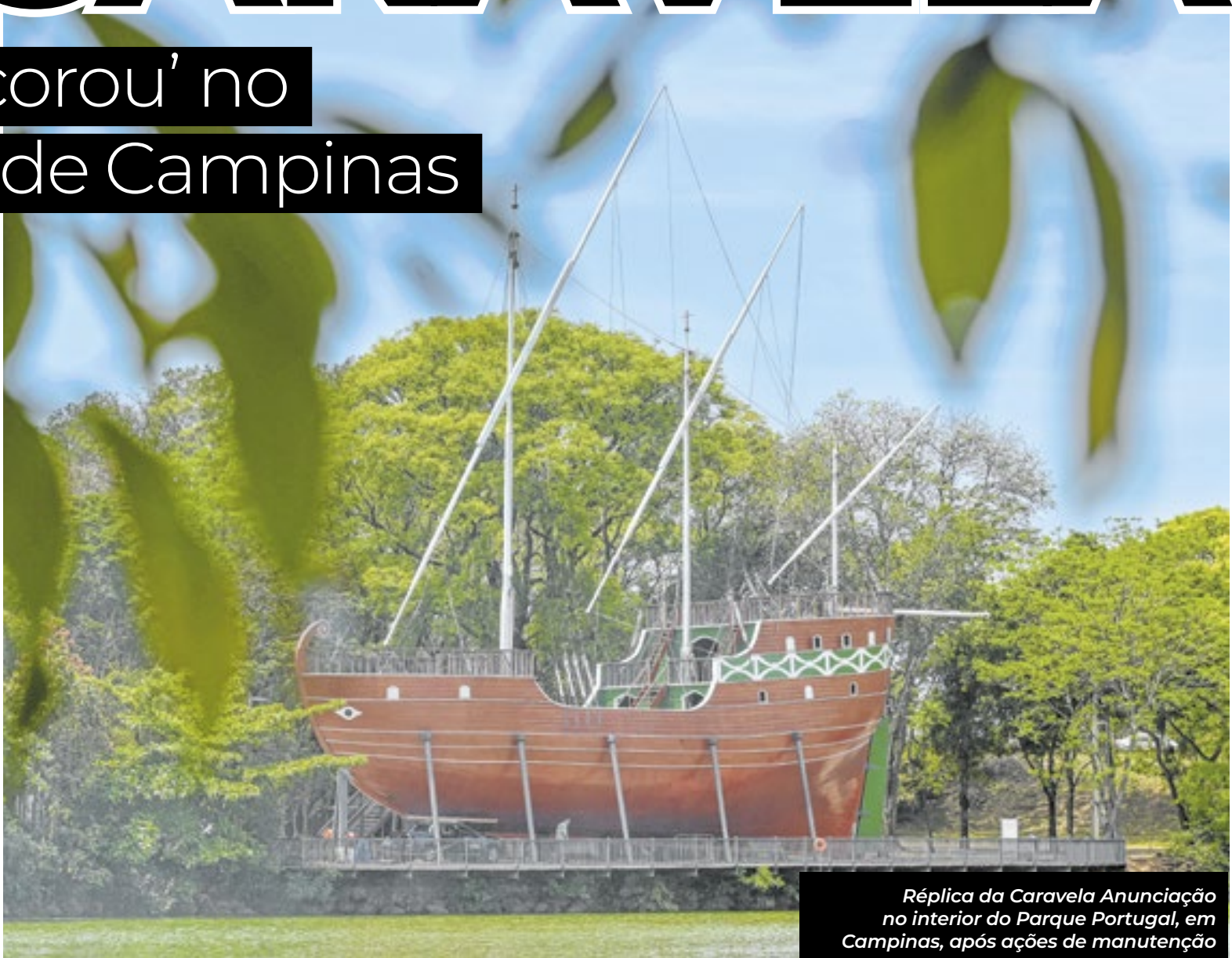
Poucos lugares sintetizam tão bem a relação afetiva entre uma cidade e seus espaços públicos quanto o Parque Portugal, também conhecido popularmente como Lagoa do Taquaral. Mais do que um equipamento de lazer urbano, ele se consolidou, ao longo das últimas décadas, como um símbolo da vida cotidiana de Campinas e palco de encontros, memórias coletivas, eventos culturais históricos e momentos de lazer e esporte que atravessam gerações.

Logo na entrada do parque, encontra-se um dos cartões-postais mais emblemáticos e reconhecíveis de Campinas: a réplica da Caravela Anunciação, inspirada na embarcação que integrou a frota de Pedro Álvares Cabral na viagem que resultou na chegada dos portugueses ao Brasil no ano 1500. Um dos artistas que confeccionaram a embarcação foi o sergipano e carpinteiro naval Salvador Alves de Almeida.

A obra durou dois anos e foi acompanhada de perto por Portugal, que considerou a homenagem uma grande honra. Das 13 embarcações que acompanharam Cabral na expedição rumo às Índias, que culminou com a descoberta do Brasil, três eram caravelas, uma era uma naveta (uma embarcação pequena) e nove, caravelas.

Pesquisas históricas

A réplica, única do gênero em tamanho real no país, foi construída dentro do próprio parque e contou com pesquisas históricas fornecidas pelo Museu da Marinha, no Rio de Janeiro, no início da década de 1970, para garantir a fidelidade ao modelo original. Inaugurada, juntamente com o parque, em 1972, o resultado impressiona até hoje: são cerca de 30 metros de comprimento, 8,6 metros de largura, aproximadamente 75 toneladas de peso e vários níveis internos, incluindo porão e convés.



Réplica da Caravela Anunciação no interior do Parque Portugal, em Campinas, após ações de manutenção



Exposição do Museu Naval, que fica em um edifício centenário no Centro do Rio de Janeiro

Nau ancorada na lagoa

Durante muitos anos, a caravela permaneceu flutuando na própria lagoa, ancorada próxima à margem, funcionando quase como um pequeno museu náutico, no qual os visitantes podiam subir a bordo, conhecer os compartimentos e imaginar como eram as viagens oceânicas do século XVI. A experiência ajudava a reforçar o caráter educativo e cultural do par-

que, combinando lazer com atividades de conhecimento.

Foi justamente o posicionamento dentro da água que gerou um dos episódios mais lembrados pelos frequentadores. Ainda nos primeiros anos após a inauguração, problemas estruturais resultaram no afundamento parcial da nau. Uma operação de recuperação foi empreendida e ela voltou a flutuar, permanecendo aberta ao público por décadas.

Entretanto, em 2008, a embarcação voltou a sofrer infiltrações e afundou novamente na lagoa. Desta vez, o episódio provocou grande repercussão, resultando em um debate sobre a preservação do patrimônio do parque.

Restauração

A solução encontrada pelo Poder Público foi a de retirar a embarcação da água e submetê-la

a um amplo processo completo de restauração que foi finalizado em 2014. Daí em diante, permaneceu fora da água, sobre um deque

Em 2025, a embarcação passou novamente por restauros, envolvendo a troca de parte do madeiramento e nova pintura, com um custo aproximado de R\$ 90 mil.

O secretário Municipal de Serviços Públicos, Ernesto Paulella, justificou a necessidade do investimento devido ao desgaste esperado do material, uma vez que a estrutura fica ao ar livre, sob todo tipo de intempérie climática. “A manutenção periódica é fundamental para que a estrutura se mantenha em boas condições e continue a ser visitada pelos frequentadores do parque”, explica.

Ponto turístico

Apesar dessas questões, a Caravela é considerada um dos pontos turísticos mais bonitos de Campinas. A réplica da nau de Pedro Álvares Cabral atrai milhares de visitantes, mas a manutenção da estrutura de madeira em uma área pública de grande circulação é um desafio constante.

Para além de uma referência histórica, a Caravela se tornou um símbolo afetivo para gerações de campineiros. E, mesmo depois de ter “afundado” duas vezes, continua ali, firme. Como se estivesse ancorada no “coração de Campinas”.